

DIA DE BRINCAR: ARTE EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO DOCENTE E EXERCÍCIO DO DIREITO À INFÂNCIA EM MEIO À LUTA POR MORADIA

Sabrina da Paixão Brésio *

Geovanna Santana de Andrade **

Luciana da Conceição ***

Victor Barbosa de Oliveira ****

RESUMO

O artigo sistematiza as experiências vivenciadas por estudantes da graduação e pós-graduação em Educação em atividades lúdicas realizadas junto a crianças e adolescentes moradores de uma ocupação de moradia no centro da cidade de São Paulo. Na interação entre ensino, pesquisa e extensão universitária, a parceria entre os núcleos de ação cultural Dia de Brincar e Brincalhoda promovem um aprofundamento nas relações entre a Educação, as artes e a construção de conhecimentos, em cocriação com atores sociais comumente silenciados e marginalizados em seus direitos sociais, dentre eles, o direito ao brincar. Partindo da valorização dos espaços de educação não formal e da convivência comunitária, os núcleos contribuem para o debate sobre a formação de educadores em face das demandas sociais por direitos.

Palavras-chave: Educação. Ação Cultural. Cultura da Infância. Ocupação de moradia.

* Historiadora (FFLCH/USP), mestra e doutora em Educação (FEUSP). Prof. Dra. na Faculdade de Educação da USP e vice coordenadora do lab_arte – Laboratório de arte- educação e cultura (FEUSP). Líder do GEIFEC - Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura. E-mail: sabrina.bresio@usp.br. Orcid 0000-0002-4571-4854.

** Pedagoga (FEUSP), educadora e professora da rede municipal de São Paulo. Mestra na área de Desigualdades e Diferenças na Educação (FEUSP). E-mail: geovanna.andrade@usp.br. Orcid 0009-0005-5384-9758.

*** Pedagoga (FEUSP), arte educadora, mestra na área de Educação, Linguagem e Psicologia (FEUSP). Coordenadora do Núcleo Brincalhoda do lab_arte – Laboratório de arte-educação e cultura (FEUSP). E-mail: luciana.conceicao@usp.br. Orcid: 0009-0009-6622-0253.

**** Graduando de Licenciatura em Educação Física (EEFE-USP). Membro do PULA- Grupo de Estudos Socioculturais, vinculado ao Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano (EEFE-USP). E-mail: victor.oliveira2211@usp.br. Orcid: 0009-0000-6793-6530.

PLAY DAY: ART EDUCATION, TEACHER FORMATION AND THE EXERCISE OF THE RIGHT TO CHILDHOOD IN THE MIDST OF THE STRUGGLE FOR HOUSING

ABSTRACT

The article systematizes the experiences of undergraduate and graduate students in Education through playful activities carried out with children and adolescents living in an urban occupation in downtown São Paulo. Within the intersection of teaching, research, and university outreach, the cultural action groups *Dia de Brincar* and *Brincalhoda* foster a deepening of the relationships between Education, the arts, and the construction of knowledge, in co-creation with social actors who are often silenced and marginalized in their human rights, among them, the right to play. By valuing non-formal education spaces and community interaction, these groups contribute to the debate on teacher education in the face of social demands for rights.

Keywords: Education, Cultural Action, Childhood Culture, Urban Occupation.

DÍA DE JUGAR: ARTEDUCACIÓN, FORMACIÓN DOCENTE Y EJERCICIO DEL DERECHO A LA INFANCIA EN MEDIO DE LA LUCHA POR LA VIVIENDA.

RESUMÉN

El artículo sistematiza las experiencias vividas por estudiantes de grado y posgrado en Educación en actividades lúdicas realizadas con niñas, niños y adolescentes residentes en una ocupación urbana en el centro de la ciudad de São Paulo. En la interacción entre enseñanza, investigación y extensión universitaria, los núcleos de acción cultural *Día de Jugar* y *Brincalhoda* promueven un acercamiento más profundo entre la Educación, las artes y la construcción de conocimientos, en cocreación con actores sociales comúnmente silenciados y marginados en sus derechos humanos, entre ellos, el derecho al juego. Partiendo de la valorización de los espacios de educación no formal y de la convivencia comunitaria, los núcleos contribuyen al debate sobre la formación docente frente a las demandas sociales por derechos.

Palabras-clave: Educación, Acción Cultural, Cultura Infantil, Vivienda.

INTRODUÇÃO

É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora.
(Freire, 1976, p. 65)

Fazer com que a formação de professores se torne permeável ao mundo e que se dê no mundo e com o mundo é um dos principais desafios que se assoma à educação contemporânea. Na mesma medida em que se reconhece a necessidade e urgência da universidade em abrir-se cada vez mais à troca e co-construção do saber junto à sociedade na qual ela existe e pela qual é mantida, observa-se a compressão da experiência universitária entre as intimações acadêmicas de produtividade e a demandas do mundo do trabalho e da aceleração da vida.

A recente Resolução do Conselho Nacional da Educação nº 7/2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, sinaliza o intento em equilibrar a tríade ensino, pesquisa e extensão no âmbito universitário, instituindo o cumprimento de 10% da carga curricular em ações de extensão, e definindo o que se consideram práticas extensionistas. Esta resolução implica revisão curricular de programas, adequação e infraestrutura para oferta qualificada de ações extensionistas, comprometimento e valorização do trabalho de docentes do ensino superior na promoção real destas atividades, com foco prioritário na atuação discente em diálogo com grupos sociais e seus saberes. O momento é, então, de valorização e fomento de atividades formativas de licenciandos/as em contato direto com territórios e grupos sociais, de modo que

Dessa maneira, emerge um novo conceito de “sala de aula”, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. Sala de aula, portanto, são todos os espaços, assim compreendidos, dentro e fora das instituições de ensino, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas. O eixo pedagógico clássico, ou seja, a relação “estudante/professor”, é substituído pelo eixo estudante/professor/comunidade”. O estudante e a comunidade, na qual se desenvolve a ação de extensão, deixam de ser meros receptáculos de um conhecimento validado pelo professor para se tornarem participantes do processo (Brasil, 2018, p.09).

Contudo, o intento em promover a extensão universitária, considerando seu papel essencial na constituição de profissionais atentos e engajados na mudança e impacto social, esbarra no cenário alarmante que temos, no campo da formação de professores, do chamado ‘apagão de professores’ no país. Dados consolidados em nota técnica pela organização Todos pela Educação (2022, p. 02) demonstra, via números coletados do Censo da Educação Superior que

De cada 10 alunos concluintes de cursos de formação inicial docente no Brasil, 6 estão na modalidade EAD (61,1%). Já nos demais cursos do Ensino Superior brasileiro, esse número é inferior a 3 em cada 10 (24,6%). Portanto, a participação do EAD no total de concluintes na formação inicial de professores é superior ao dobro em comparação com outros cursos (Todos... 2022, p.2).

Se em dez anos mais da metade dos professores formados para atuação no ciclo básico escolar estão se capacitando majoritariamente de modo virtual, ainda assim o déficit de docentes nas redes de ensino, em suas áreas de formação, é igualmente alarmante. Em matéria de Christina Queiroz (2023) para Revista Pesquisa Fapesp, aponta-se que a taxa de desistência acumulada nas licenciaturas mantém alta entre 2012 e 2022, com destaque para cursos das áreas de exatas e ciências humanas, reafirmando a necessidade de atualização curricular em nível superior, reformulação e valorização da carreira do magistério. Considera-se o entendimento interdisciplinar das áreas de conhecimento mas não se aborda, por exemplo, políticas de permanência universitária.

Com este panorama, sintetizado pela intencionalidade posta no Censo da Educação Superior (Brasil, 2024, p. 05) quando afirma “Os desafios para *acelerar o ritmo* e orientar a direção da expansão da educação superior em sintonia com o PNE” (grifo nosso), apresentaremos um recorte das ações em extensão realizadas pelo Laboratório Experimental de Arte- Educação & Cultura da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (lab_arte/FEUSP). Com mais de vinte anos de atuação contínua, e ancorado no tripé da pesquisa, ensino e extensão desde sua gênese, o lab_arte se configura como diretório de pesquisa em pós-graduação, campo de ensino e estágios das licenciaturas, e atividade permanente em cultura e extensão universitária. Reconhecemos o fazer docente como aquele que tem por objetivo e destinação a colaboração no processo formativo da pessoa, e a educação enquanto finalidade do tornar-se *humano*:

A educação não é um meio para atingir algo (educação para o trabalho, educação para a cidadania, educação para a terra, educação para a inclusão etc.). Ela própria é a finalidade última de suas práticas: trazer para fora a humanidade potencial que há nas pessoas (*humanitas*) – percebamos aqui, de passagem, que as crianças são também concebidas, nessa abordagem, como pessoas (Ferreira-Santos & Almeida, 2019, p. 18).

Na contramão da *aceleração de ritmo* e da instrumentalização das artes como método de ‘facilitação de conteúdos’, preconizamos o saber da experiência (Larrosa, 2011) e o *des- acelerar* criativo a ser fruído por educadores em formação, na mediação de saberes entre si e com grupos diversos. Apresentamos a seguir a organização do lab_arte, e destacamos uma de suas ações, pelas vozes de duas professoras-estudantes-pesquisadoras do programa de Pós-graduação da FEUSP, e de um estudante da graduação em Educação Física e seu estágio curricular no núcleo Brincalhoda/Dia de Brincar, realizado em conjunto com as crianças e adolescente migrantes e moradoras da Ocupação de moradia Martins Fontes, no centro da cidade de São Paulo. Aliando vivências artísticas, corporais e brincantes, foram tecendo suas trajetórias acadêmicas na ação cultural (Freire, 1976) dialógica e constituinte de *humanitas*.

1 ONDE AS ARTES HABITAM A FORMAÇÃO DOCENTE

O laboratório experimental de arte-educação e cultura (lab_arte), é um laboratório didático, diretório de pesquisa em pós-graduação e atividade permanente de cultura e extensão da FEUSP. Criado em 2004 a partir da mobilização de um grupo de estudantes do curso de Pedagogia da FEUSP e oficializado como laboratório em 2006 pela congregação da unidade, o lab_arte atua no tripé acadêmico docência, pesquisa e extensão, constituindo-se como Laboratório Didático e de Cultura e Extensão,

tendo formado dezenas de pesquisadores e contribuído ativamente na formação inicial e continuada de professores.

O laboratório está estruturado em núcleos de vivência e experimentação destinados a estudantes da universidade, professores da rede pública e comunidade externa, sendo gratuitos e livres; encontros temáticos promovidos por estudantes da pós-graduação, egressos e pesquisadores convidados; eventos artístico-culturais como saraus, colóquios, lançamento de livros, cine debates e visitas monitoradas; repositório de pesquisa e produção acadêmica, organizada em site próprio¹, com divulgação de artigos, ensaios, dossiês, livros, teses e dissertações.

Ao longo de vinte anos de atividades o lab_arte segue na promoção de vivências artísticas relacionadas ao desenvolvimento da sensibilidade (artes cênicas, audiovisual, narração de histórias, educomunicação, jogos, cultura do brincar, questões negro- indígenas nas artes, dentre outras); espaço de experimentação artístico-pedagógica para os coordenadores de núcleo que são, em sua maioria, alunos ou egressos da pós- graduação, aliando pesquisa e prática em uma práxis pedagógica, e espaço de estágio curricular para alunos das Licenciaturas da USP, aprofundando sua experiência com o corpo, a arte, a cultura e a educação.

A abertura criada na faculdade para a fruição e reflexão das experiências em arte e cultura como parte indissociável da formação docente denota a urgência e relevância que debater os lugares a ela designados no currículo e no cotidiano da Educação. Neste sentido, comungamos de uma perspectiva em arte-educação que não se restringe ao fazer pedagógico ou instrumentalizado das artes no ensino:

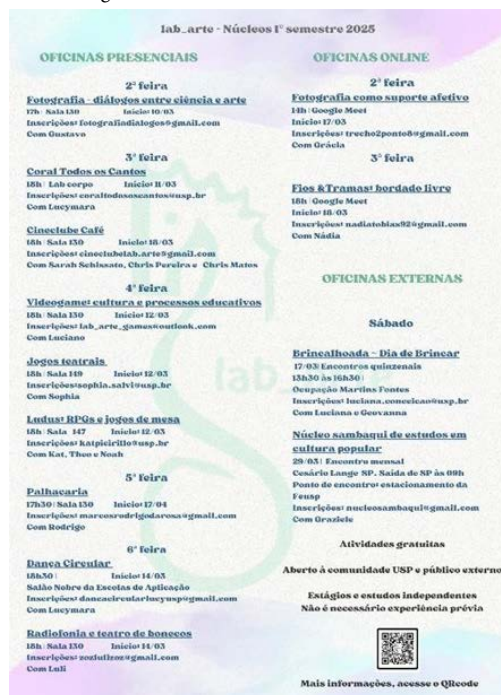
Nesse sentido, a arte-educação não visa à formação do artista em-si, isto é, o artista plástico, escultor, músico, bailarino, cineasta etc. (neste caso, a formação específica se daria no âmbito da própria linguagem), mas a arte-educação visa dotar a pessoa de experiências vivenciais e experimentais, no âmbito das mais variadas linguagens, para o exercício de si-mesmo, em seu processo de autoformação, enfatizando a livre-expressão e o processo criador frente aos mais variados obstáculos em sua existência. Não se restringe à “terapia”, muito menos ao voluntarismo ingênuo, mas se afirma como possibilidade de ser em suas várias moradas, as linguagens (Ferreira-Santos & Almeida, 2020, p. 91).

Assim, cada coordenador/a de núcleo é propositos/a de uma linguagem com a qual tem familiaridade, e articula as vivências na co-criação com demais participantes experimentando e criando juntos. Enquanto processo de estágio, os estudantes elaboram relatos de sua experiência em diálogo com os debates e leituras feitos em aula, de modo que possam reconhecer e re-habilitar em si a criatividade e autoria de suas práticas educativas. Com esta percepção, abordamos nosso fazer como Arteducação, como proposto por Marco Antônio da Silva/Marco Guerra, palhaço, arteducador e integrante do lab_arte, a partir de conceito cunhado pelo educador ítalo-brasileiro Cesarede Florio La Rocca, em que a arte e educação deve ser uma única coisa (Silva, 2023). Contando com a organização colaborativa de todos os monitores de núcleo, a cada semestre o grupo de oficinas é divulgado. A oferta de ações é permanente, ainda que o número de núcleos se modifique a cada semestre, de acordo com a disponi-

¹ O repositório de pesquisas e obras editadas pode ser consultado em <https://www.labarte.fe.usp.br/pesquisa>

bilidade dos propositores. Abaixo, apresentamos a oferta do primeiro semestre de 2025, com ações na faculdade, online e externas.

Figura 1 - Cartaz com núcleos do lab_arte.



Fonte: Acervo lab_arte, 2025.

Dentre o rol de núcleos que ofertamos, seguiremos abordando um deles, desde sua concepção e oferta na FEUSP, até os desdobramentos que o levam a integrar uma ação externa, aliando-se ao projeto Dia de Brincar.

1.1 Brincalhoadas: uma possibilidade de ruptura na formação (formal) docente

O núcleo Brincalhoadas iniciou suas atividades em 2017, motivado por diversas inquietações relacionadas à formação docente na FEUSP. Dentre essas inquietações, destacava-se a necessidade de uma maior oferta de disciplinas voltadas à cultura do brincar que, para além de abordagens teóricas, convocasse os corpos das/os estudantes ao movimento, por meio de experiências práticas com o brincar.

Durante o período de 2016 a 2020, correspondente à formação na licenciatura em Pedagogia da pesquisadora-proponente, a grade curricular obrigatória oferecia apenas uma disciplina exclusivamente dedicada à Educação Infantil, com duração de um único semestre. Tal disciplina, no entanto, apresentava-se com forte ênfase teórica, focada em uma perspectiva histórica e sociológica, sem proposições práticas corporais mais significativas.

Entre as disciplinas optativas, destacava-se Brinquedos e brincadeiras na educação infantil, a única a mencionar explicitamente a brincadeira em seu título e que, em tese, buscava integrar teoria e prática.

Contudo, a experiência vivenciada demonstrou um viés predominantemente teórico. Soma-se a isso o fato de a docente responsável pela disciplina integrar, à época, o quadro de contratações precarizadas da universidade, o que comprometia as condições de dedicação exclusiva necessárias para o pleno desenvolvimento de uma atividade docente de qualidade.

A convivência com estudantes de anos anteriores revelou à então, graduanda, uma demanda recorrente por repertórios de brincadeiras a serem trabalhadas com crianças nas instituições educativas onde atuavam. Embora a pesquisadora sustente que a universidade não deva estar a serviço de uma formação meramente voltada às intimidades do mercado, compreendeu que o brincar extrapolava essa lógica. Isso porque, além de ser exigido como competência do professor-pedagogo para atuar com a infância, o brincar constitui-se como vivência cultural que deveria atravessar o corpo docente, e o sujeito em formação, em uma perspectiva mais ampla de constituição humana.

Além disso, o fechamento temporário do espaço de pesquisa, extensão universitária e formação didática LABRIMP - Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos da FEUSP, ocorrido em 2016 devido a questões estruturais, e perdurando até 2025, representou um agravante. O LABRIMP, além de desenvolver estudos e pesquisas na área, oferecia estágios, bolsas de pesquisa, oficinas para professores da rede pública e visitas agendadas para turmas, atendendo diretamente crianças dentro do espaço universitário, proporcionando-lhes uma vivência de qualidade, com recursos adequados e mediação qualificada. O fechamento de um espaço tão emblemático corroborou a percepção de que o brinquedo, a brincadeira e o brincar não ocupavam um lugar de destaque na agenda acadêmica da instituição.

Estava posta, portanto, a centralidade atribuída aos conteúdos expositivos, às intensas cargas de leitura e à escrita. Mas por que, ainda hoje, parece imperar uma fragmentação entre intelecto e corpo na formação docente, quando tal cisão, além de irreal, revela-se contraproducente à formação integral dos sujeitos? É nesse cenário que o núcleo Brincalhoda emerge como resposta e contraponto, buscando, por meio de uma construção coletiva, forjar outros percursos possíveis de formação dentro da Faculdade de Educação.

Em sua primeira edição, realizada em 2017, o núcleo estruturou-se com base no seguinte princípio:

“Por meio de uma proposta experimental de colocar o sujeito adulto em contato com o brincar, **atividade social da criança**, busca promover experimentações e vivências por meio de diferentes linguagens artísticas, como a música, a dança, as artes visuais, o teatro, a partir da criação coletiva de um espaço que permita a autoformação daqueles que participam da oficina. Nesse sentido, busca-se a criação de um espaço que permita uma experiência sensível; que **resgate** no indivíduo sabenças próprias da infância; **que mobilize esse espírito ‘brincador’**; e faça uma viagem pelas memórias desse momento singular da nossa história. Não há uma pretensão do núcleo de trabalhar o brincar numa perspectiva acadêmica, buscando elaborar uma conceituação ou uma definição para o termo, tomando-o como uma referência para direcionamento da oficina, mas sim utilizar-se de diversas referências sobre o brincar para que coletivamente essas possam ser discutidas, refletidas, criticadas. A oficina é, portanto, um momento de criação coletiva, que apesar da proposta e sugestão de atividades base para o percurso formativo, não possui um direcionamento fechado na busca de um resultado concreto ou esperado, mas sim deixar que o

percurso seja definido por seus participantes, **produzindo resultados** espontâneos, singulares e significativos do grupo. A Brincalhoda é um momento de reunião. Um momento de viajar **por nossa própria história e referências**” (Conceição, 2025, p. 230-231. Grifo nosso).

Os grifos evidenciam que, desde sua primeira edição até o encontro com o projeto Dia de Brincar, o núcleo passou por inúmeras revisões, reformulações e aprimoramentos. O percurso autoformativo, alicerçado em uma gestão horizontal, proporcionou à coordenadora do núcleo, também estudante em formação, a autonomia necessária para desenvolver, ampliar e aprofundar sua pesquisa e projeto pessoal com a cultura do brincar. A experiência de coordenação representou um marco na trajetória universitária da pesquisadora, transformando profundamente seu processo formativo. Ela sentiu-se autora de seu percurso, exercendo agência sobre sua formação.

Tal como o lab_arte concebe a coautoria entre coordenador e participantes de núcleos formativos, a pesquisadora percebeu-se igualmente co-criadora de sua trajetória acadêmica, com maior liberdade, poder de escolha e acesso a outros saberes:

“Aos poucos, fui percebendo (...) que talvez fosse necessário repensar o formato inicial. Refletir se o brincar era realmente uma atividade exclusiva da criança, ou se o adulto também não brinca. Questionar o que são essas “sabenças” próprias da infância e reconsiderar palavras como “resgate”. Repensar, sobretudo, como esse processo de autoformação poderia ter mais autoria dos participantes do núcleo. Vivemos em um mundo de forte apelo instrumental e tecnicista na educação, onde é comum as pessoas buscarem manuais que as capacitem para enfrentar um cotidiano complexo e desafiador. Nesse contexto, o brincar muitas vezes acaba sendo instrumentalizado para atender a demandas pedagógicas. Foi então que percebi a necessidade de ajustar a rota, de garantir que o brincar não se reduzisse a uma simples busca por listas de brincadeiras para aplicar com as crianças” (Conceição, 2025, p. 232-233).

A partir desse movimento reflexivo, o núcleo Brincalhoda, em suas edições subsequentes, passa a expandir suas possibilidades autoformativas, não mais focado apenas nas materialidades produzidas pelo brincar, mas compreendendo o brincar como atravessamento que produz e é produzido por subjetividades. Ganham relevo, assim, ações que envolvem processos de reinvenção, criatividade, imaginação, transgressão e interação com a memória como saber presente. Assume-se, também, a infância não como recorte etário, mas como estado, qualidade e matéria de criação, conforme propõe Manoel de Barros (1990, apud Conceição, 2025, p. 240),

“Nesse processo, permitimos que o brincar ganhasse forma, seguindo o estado de ‘ser árvore’ descrito por Manoel de Barros (1990), deixando que a brincadeira nos incorporasse, tornando-se parte de nós” (Conceição, 2025, p. 240).

Essa poética barrosiana, que acompanha o núcleo desde sua origem, conduz à maturidade de compreendê-lo como possibilidade de furo na realidade, de brecha, de antiestrutura². A quarta edição do

² Toma-se como referência os conceitos de *brecha*, em Lefebvre (1969/2001) e *antiestrutura*, em Victor Turner (1966) como forma de evidenciar a tentativa do núcleo Brincalhoda em sua proposição de se constituir enquanto um espaço de resistência, de transformação, de suspensão e ruptura de estruturas convencionais, hierárquicas e normativas de formação.

núcleo Brincalhoadá é atravessada por esse espírito, aproximando-se da perspectiva de uma educação transgressora, tal como propõe bell hooks (2017).

Brechas brincantes vêm buscar frestas para a inventividade, a imaginação, a criação e o brincar. Frestas para transver o mundo. Ocupar o espaço por meio das poéticas de uma cultura lúdica e brincante. Desconstruir. Transgredir. Transformar. Pensar na convivência consigo e com o(s) outro(s) a partir da experiência dos sentidos. Perceber os lugares como espaços sensíveis que nos afetam e deixam efeitos, sensações e memórias corporais. Pessoas de todas as idades precisam brincar, inventar, imaginar e criar. Vamos encontrar e criar brechas” (Conceição, 2025, p. 232-233).

Nesse processo, a pesquisadora identifica a necessidade de expandir a atuação do núcleo para além dos muros da universidade, reconhecendo sua potência como espaço autoformativo fundamental para o desenvolvimento de uma corporeidade crítica, que abarca também o exercício do pensamento crítico.

“Encerramos essa edição com uma performance/intervenção no gramado, trazendo questionamentos e provocações sobre o brincar. No entanto, o que mais me marcou foi a sensação de desatenção por parte das pessoas que circulavam por ali, alheias ao debate que estávamos propondo. Foi nesse momento que me dei conta de que era hora de atravessar os muros da universidade e levar a Brincalhoadá para um território mais fértil, onde suas propostas pudessem encontrar ressonância e engajamento mais profundo, não apenas entre seus participantes, mas com a sociedade” (Conceição, 2025, p. 249-250).

É nesse contexto que o núcleo Brincalhoadá encontra, no projeto Dia de Brincar, caminhos para ampliar as possibilidades formativas dos estudantes, concebendo uma formação que não se restrinja ao intelecto, mas que integre a corporeidade e exponha os sujeitos em formação a outros contextos e territórios, para além dos limites da universidade. Trata-se, assim, de afirmar o caráter extensionista do tripé universitário, entendido aqui como aquilo que se realiza na liminaridade, nas bordas, nas margens.

1.2 Projeto Dia de Brincar e as infâncias às margens do Estado

O projeto *Dia de Brincar* surge em 2023, durante o trabalho de campo da pesquisa de mestrado intitulada *O trauma da COVID-19 em espaços de educação da cidade de São Paulo: infâncias, testemunhos e cotidianidades nas margens do Estado*. A pesquisa se desenvolve junto a crianças, adolescentes, adultos e famílias da Ocupação Martins Fontes, localizada no centro da cidade de São Paulo - SP e coordenada pelo Movimento de Moradia na Luta por Justiça - MMLJ, tendo como objetivos compreender as memórias construídas e em construção a respeito dos efeitos da pandemia, com foco nas subjetividades e repertórios das infâncias e territórios da cidade de São Paulo.

Para isto, esta pesquisadora optou por realizar um trabalho de campo focado na etnografia, construindo encontros semanais para aproximação, criação de vínculo e escuta das pessoas participantes da pesquisa – bebês, crianças e adolescentes de 0 a 16 anos, em sua maioria migrantes internacionais de países como Angola, Moçambique, Congo, Venezuela e Bolívia, também com famílias que migra-

ram internamente, tanto de outras cidades quanto estados do país. Os encontros contam com oficinas em arte educação, rodas de conversa, momentos de brincadeiras coordenadas e livres, participação em eventos do movimento social, dentre outras atividades, onde são produzidas fotografias, escritos, vídeos e desenhos que também fazem parte da pesquisa como fonte documental. Ao longo dos meses de trabalho de campo, a atividade ultrapassou os contornos da etnografia, sendo entendida aqui não enquanto método, mas enquanto prática de co-criar o conhecimento sobre a vida (Peirano, 2014), passando a integrar a programação de atividades da ocupação de moradia de forma permanente como *Projeto Dia de Brincar*.

Figura 2. Cartaz de divulgação do projeto.



Fonte: Acervo núcleo Dia de Brincar, 2023.

Desta forma, amplia-se a pesquisa em direção ao contexto de luta pelo direito à cidade (Harvey, 2012) e produção na mesma, compreendendo o ato de ocupar coletivamente um prédio ocioso – ou seja, um edifício sem desempenhar sua função social e/ou com dívidas – como uma prática de cuidado mútuo, que busca garantir o direito à moradia para famílias que não possuem condições financeiras de arcar com um dos aluguéis mais caros da América Latina³. Ainda no cenário da cidade, somam-se as camadas de racismo, xenofobia e violências estatais sofridas pelas populações migrantes, especialmente vindas de países latino-americanos e africanos.

3 Conforme levantamento de 2022 veiculado pela Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip). São Paulo figura como a capital mais cara do país para se morar de aluguel. Em 2025 a capital paulistana lidera como metro² mais caro do país, segundo ranqueamento publicado pela CNN Brasil (2025).

Ao passo que se considera as violências de estado, apresentadas desde o cotidiano de atuações racistas por parte da polícia brasileira em relação os meninos negros até o histórico escravocrata na construção do que chamamos de nação, consideram-se também os dispositivos vigilantes, proibicionistas e controladores que operam sobre corpos específicos, criando “mundos de morte” e produzindo o que Mbembe (2016) nomeia como necropolítica, em especial no sul global e durante os períodos mais intensos da pandemia de COVID-19.

Dentre as marginalidades construídas e sobrepostas, as desigualdades se mostram ainda mais desafiadoras para as infâncias negras do sul global:

Para elas [as crianças] o Sul da quarentena se apresenta ainda mais perverso. Ao mesmo tempo em que sofrem junto com os adultos, as crianças sentem impactos específicos desse momento difícil para o Brasil e para os outros países do mundo. As desigualdades, a pobreza, a fome, a violência e as vivências da pandemia e suas implicações acentuam-se de forma diferenciada, em especial na vida das crianças pobres, as meninas e as negras (Gomes; Araújo, 2023, p. 28).

Neste cenário, o olhar para as margens – populacionais, fluviais e estatais – interessa justamente pelas suas formas de resistir, criar e compartilhar a vida, costurando formas de reabilitar o mundo diante do trauma (Das, 2020). No contexto das infâncias, a pesquisadora – junto a outras pesquisadoras da área da Sociologia das Infâncias – aposta que ser criança, migrante e moradora do centro de São Paulo produz tanto saberes específicos sobre o mundo existente, como nos dão pistas para construir, criar, recriar e negociar mundos novos, com implicações éticas, estéticas e políticas, na medida que compartilham-se as brincadeiras, modos de viver e experienciar uma vida em luta por direitos e dignidade desde pequenos. Durante os encontros, todas as possibilidades de brincar de corda, de roda, de construir e reconstruir a casinha dos sonhos, inventar jogos ou negociar os usos dos brinquedos, expandir, pular, contrair e usar o corpo, dividir o lanche, cuidar dos colegas e da limpeza do salão se mostram então como outras formas de ocupar – a cidade, as infâncias e os espaços.

Desta forma, o encontro entre o *Projeto Dia de Brincar* e lab_arte *Brincalhoad* se dá, inicialmente, na confluência entre uma pesquisa de mestrado e um núcleo de um laboratório de arte educação, com pormenores de uma relação de amizade e troca entre suas pesquisadoras-professoras. Após trocas de experiências e aproximações com oficinas pontuais de cinema e brincadeiras junto ao núcleo do lab_arte *Cineclube* (coordenados por Sarah Helena, Cris Mattos e Chris Pereira), percebe-se no encontro e no saber da experiência (Larrosa, 2011) compartilhados entre os projetos/núcleos uma oportunidade para costurar a formação docente em espaços fora da universidade, potentes na trama da tarefa de *tornar-se uma pessoa educadora-educanda*, que se dá ao longo de toda a vida.

Figura 3. Registro feito durante um dos encontros do projeto.



Fonte: Acervo núcleo Brincalhoadá, 2024.

Desta forma, o encontro entre o *Projeto Dia de Brincar* e lab_arte *Brincalhoadá* se dá, inicialmente, na confluência entre uma pesquisa de mestrado e um núcleo de um laboratório de arte educação, com pormenores de uma relação de amizade e troca entre suas pesquisadoras-professoras. Após trocas de experiências e aproximações com oficinas pontuais de cinema e brincadeiras junto ao núcleo do lab_arte *Cineclube* (coordenados por Sarah Helena, Cris Mattos e Chris Pereira), percebe-se no encontro e no saber da experiência (Larrosa, 2011) compartilhados entre os projetos/núcleos uma oportunidade para costurar a formação docente em espaços fora da universidade, potentes na trama da tarefa de *tornar-se uma pessoa educadora-educanda*, que se dá ao longo de toda a vida.

A parceria então passa a ser mobilizada de forma contínua com o núcleo *Brincalhoadá*, com vagas disponibilizadas para estudantes da graduação, licenciatura e demais pessoas

2 FORMAÇÃO DOCENTE PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Os estágios curriculares são componentes obrigatórios vinculados a disciplinas específicas nos cursos de Licenciaturas. Regulamentados pela lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, traz em seu artigo 1º a definição de estágio enquanto

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (Brasil, 2008).

A FEUSP acolhe e atende a Licenciatura em Pedagogia, bem como mais dezessete Licenciaturas e 16 habilitações em línguas. Cada um destes cursos dispõe de uma carga horária mínima de 400 horas de estágios obrigatórios vinculados a disciplinas da grade comum à formação docente. Em consonância com a legislação e partindo de um pressuposto da Educação enquanto direito cidadão e de oferta pública, os estágios são realizados prioritariamente nas redes públicas de ensino da educação básica em todos níveis e modalidades. Contudo, compreendendo que o fazer docente e as práticas educativas não se reduzem ou restringem ao ambiente escolar formal, há também a possibilidade de realização de parte da carga do estágio em espaços de educação não formal, de organização comunitária, cultural, coletiva, associativa etc.

Observando que a natureza do estágio é promover um encontro entre educadores em formação com os espaços, tempos e modos da profissão, a disciplina de Política e Organização da Educação Básica no Brasil (Poeb), ministrada pelos docentes coordenadores do lab_arte, incorpora aos estágios curriculares a abertura da ampliação da experiência educativa para ambientes de educação comunitária e não formal, como cursinhos populares, projetos associados à cultura e educação, Ong, OSCIP e OSC, ocupações sociais, dentre outros. Compreendendo a intersectorialidade e transversalidade das práticas educativas, e a reverberação das políticas públicas como motores de mobilização social, as/os estudantes das licenciaturas podem optar em vivenciar a carga prevista de 60 horas de estágio da disciplina nestes contextos, e refletir como eles contribuem e atravessam sua formação acadêmica e profissional enquanto *sujeito da experiência*:

Se lhe chamo “princípio de transformação” é porque esse sujeito sensível, vulnerável e ex/posto é um sujeito aberto a sua própria transformação. Ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos, de suas representações etc. De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência (Larrosa, 2011, p. 7).

Se os estágios curriculares são propostos enquanto meio de aproximar o professor em formação dos ambientes e vivências de ensino, reconhecemos que o contato com outras formas organizacionais contribui substancialmente para a educação sensível deste estudante. Neste sentido, dentre os diversos

estágios realizados pelas turmas de Poeb no segundo semestre de 2024, destacamos um que ocorreu junto aos núcleos do lab_arte. Estudante do curso de Educação Física, o aluno acompanhou ao longo do semestre as ações do núcleo Brincalhoadia/Dia de brincar e produziu como trabalho final, três cartas de caráter autoetnográfico, que articularam tanto os debates e textos de referência do curso, quanto seus saberes pessoais, culminando nas missivas direcionadas ao poeta e ativista mineiro residente em São Paulo, Sérgio Vaz⁴

Tudo que preencho nesse papel em branco, são lembranças da minha experiência como arte-educador em uma ocupação lá na cidade. Tem criança de tudo quanto é lugar: de África, outras regiões do Brasil, Améfrica... São infâncias invisíveis, que com muita luta, estão se tornando visíveis. Sabe como? Pelo brincar. Pelo simbólico. É o conhecimento esquecido (Trecho de uma das cartas).

A autoetnografia parte da concepção de descrever, observar e analisar sistematicamente a experiência pessoal, com o intuito de compreendê-la, tornando-se tanto processo como produto de uma obra (Ellis, 2004). Como aponta Santos (2017), além de pretender compreender a experiência pessoal, utilizar-se da autoetnografia é uma forma de reconhecer e valorizar as relações do escritor com os “outros” atores sociais presentes no ambiente, ao mesmo tempo que pretende incumbir a reflexividade do escritor, diante de seu papel no contexto em questão e sua percepção social-histórica e de reforçar a importância sobre quem se fala. Portanto, em sua função de reflexividade, o autoetnógrafo está completamente entrelaçado com todo o contexto que o permeia, sendo inviável de analisá-lo sem o próprio colocar em causa a sua relação com os atores sociais presentes e a sua subjetividade.

As cartas em questão deste aluno trazem a temática da experiência na perspectiva de Larrosa (2011) que incide na abordagem transformadora que a experiência vivida nos causa. Para ressaltar:

A experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero (Larrosa, 2011, p. 6-7).

Em outras palavras, a experiência é a forma como eu me relaciono com aquilo que me passa, uma forma de exposição da minha subjetividade para compreender os outros e a mim mesmo. Pois então, não bastaria somente *ter a experiência*, mas *ter* (inquietações, reflexões e transformações) *com a experiência*. As temáticas do brincar, do jogo, da formação docente e das infâncias também se fazem presentes nas cartas escritas. Dentro disso, o aluno descreve a relação que estabeleceu com as crianças e adolescentes da ocupação, principalmente por meio do brincar e do jogo, como um potencializador no seu papel de arteducador na proposta de prover experiências corporais e vivenciais a elas, influenciando no seu processo de desenvolvimento e autoformação. As cartas são um modo íntimo e autoral de expor os *atravessamentos* sentidos e transbordados na vivência do estágio.

4 Poeta, escritor, ativista e produtor cultural nas periferias. Fundou em 2000 a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa) e criou o Sarau da Cooperifa. Em 2025 recebeu a Ordem do Mérito Cultural (OMC), maior honraria pública do setor cultural no Brasil.

A proposta de relatório final do aluno inspira-se no trabalho de Nascimento (2019)⁵ em que envia cartas ao poeta Manoel de Barros e utiliza trechos de poesias, entrevistas e outros meios de comunicação do autor para elaborar respostas hipotéticas a estas cartas enviadas, refletindo sobre a função da escola e da educação física escolar. Neste caso, o aluno optou por remeter suas cartas ao poeta Sérgio Vaz que, nas palavras de Emicida (2023, p. 13), tem a sua poesia como “um exercício contínuo de *punchlines* [...], com uma autoprovação fascinante em que ele busca ler os paradoxos de seu tempo e de outros e utilizá-los como eletrochoques que nos levantam das cadeiras”. Mais do que isso, a poesia de Sérgio busca mostrar corpos, sujeitos e questões que muitas das vezes ficam à margem da sociedade - que possibilitaram ao aluno, ao conectar o seu processo de formação na licenciatura com as produções do poeta e a experiência deste estágio, reflexões e expansão de espaços da formação docente e de sua atuação social, que (devem) ultrapassar os limites da sala de aula.

Figura 4. Print de uma das cartas entregues como parte da avaliação final da disciplina em POEB.

CARTA I - Respeito é pra quem tem!

São Paulo, 21 de Outubro de 2024.

A felicidade era um lugar estranho. Lá, os meninos, após a chuva, comiam o arco-íris e saíam coloridos pela rua jogando futebol. O futuro era decidido no par ou ímpar, e o passado simplesmente não existia.

Sérgio Vaz: *O Colecionador de Pedras*, 2007.

Caro Sérgio,

Confesso que isso aqui é um experimento. Tenho muitas inspirações, pirações e transpirações. Resolvi te escrever, precisava trocar uma ideia com alguém. Bom, se tem uma parada que eu acredito, é no brincar. E digo mais: a nossa infância é a fase em que nós devemos aprender a brincar, brincar bem. O problema é que a gente esquece que depois da infância, o brincar ainda existe. Sinto que eu nunca vou esquecer disso, diferentemente dessas pessoas cinzentas que vejo por aí. Talvez por isso eu estude educação física, sei lá. Acho que todas as pessoas brincantes carregam algo que não tem explicação. As crianças têm esse algo como essência. Um sorriso saltitante, uma língua brilhante e um caminhar sonhante. Queria te falar sobre a infância.

Fonte: Acervo do autor, 2024.

O aluno percebeu que enquanto educador - entendido na perspectiva de Rubem Alves (1983) como o sujeito interessado no lado humano dos outros, em acolher, em compartilhar e deixar ser compartilhado -, o seu papel é de nem sempre estruturar atividades como normalmente funciona na escola, mas sim de acreditar no potencial criador, produtor de cultura e conhecimento das crianças, proporcionando novas possibilidades de se tornarem cada vez mais sujeitas dos seus próprios desenvolvimentos,

⁵ Trabalho de Conclusão de Curso gentilmente compartilhado pelo orientador, Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho Dantas, via e-mail em 28 de agosto de 2024 (pdf), intitulado “Cartas à Manoel: a poesia para transver a escola: uma oficina de transferir os ambientes da educação física escolar”, de Ana Cláudia Galdino do Nascimento. Disponível na biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte da USP.

sendo então mediador, observador e potencializador na proposição de materiais, oportunidades e também de ser brincante junto com elas (Saura, 2014), pois “estar no mundo é ocupar, é dar significado às nossas ações. Então, nada melhor do que brincar” (Trecho de uma das cartas).

Tava no meu segundo dia. As crianças todas lá: tinham alguns médicos cuidando dos pacientes (que inclusive, eu fui o primeiro a ser cuidado), alguns basquiats, pegadores, motoristas, corretores, vários Pelés e Marta's e tudo que você possa imaginar. Fiquei maravilhado com tanta coisa acontecendo, e é claro, como não sou besta nem nada, não iria ficar de fora. Fui com os Pelés e Marta's, chutar por linhas tortas nos gols de cadeiras. [...]. Jogamos tanto que nem vimos o tempo passar. E isso foi bom. Quer saber se a brincadeira que você está fazendo ou participando é boa? É pela imersão e o risômetro. (Trecho de uma das cartas).

A reflexão deste trecho de uma das cartas confirma como as crianças, adultos e arteducadores participantes do projeto têm no corpo sua experiência principal, no que Merleau-Ponty (2006) chama de “corpo próprio” como o fenômeno ao qual nós seres humanos nos apropriamos dos instrumentos, conceitos e os incorporamos de maneira intencional para projetar-nos no mundo, a forma como nos conectamos mutuamente e também individualmente. Então, para que se discuta sobre a formação humana no âmbito da educação, devemos considerar as experiências do corpo como fator essencial, sendo este como e onde nos relacionamos socioculturalmente.

A resignificação e ampliação da possibilidade de atuação social e de práticas ao futuro professor trazem a esperança crítica de transformação da realidade como proposto na utopia freireana (2020), por fazer com que o professor reflita sobre seu processo de formação como sujeito humano, ao dialetizar a estrutura sociocultural de mundo que vive e de anunciar a realidade a ser transformada, que é essa em que vivemos. Em vista disso, a formação nas licenciaturas precisa antes de formar professores e educadores, formar seres humanos. Ela deve abrir portas para ser resignificada, para englobar além do intelecto, também o corpo, as artes e as outras linguagens, para completar cada vez mais a percepção de mundo e de relações sociais dos futuros licenciados, auxiliando na formação de um pensamento crítico e de possibilidade transformadora social:

Pode ser que todo educador seja também um poeta, um mestre de cerimônia. A nossa orquestra é a aula, seja dentro ou fora das escolas. O conhecimento que carregamos nas nossas bagagens, é todo construído, reconstruído e incluído de experiências. É impossível viver sozinho. Somos mediadores de um mundo de esperança. Pois como já disse Anísio Teixeira: Nada que é humano, me é estranho (Trecho de uma das cartas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui um exemplo singelo e potente de iniciativas que re-existem nos espaços universitários, visando tensionar e propor outros modos de entendimento da formação docente, que considere não apenas uma estrutura curricular e teórica, mas que promova a ligação, ou religação, dos saberes (Morin, 2003). Neste cenário, são importantes propostas que aliem a formação superior a práticas efetivas e conectadas com a sociedade, em relação dialógica. Os desdobramentos das pesquisas acadêmicas a nível de pós-graduação tornam-se espaços de reflexão e atuação na sociedade, indicando caminhos

possíveis para a resistência e a transformação social. Já a abertura propositiva de espaços para estágio curricular e demais atividades extensionistas para estudantes das licenciaturas demonstra-se como caminho frutífero para uma formação profissional humanizada e sensível, aliada à criticidade e contestação mesma da reprodução tecnicista dos processos avaliativos e pedagógicos em voga, sobretudo com a primazia da formação de educadores à distância, em moldes da plataformização do ensino, que ora se reproduz também na educação básica.

O movimento de confluência entre o núcleo criado no seio de uma Faculdade de Educação e o projeto da ocupação de moradia passa a ser também mobilizador de outros encontros – das crianças com os adultos em formação, das crianças com elas próprias, das crianças com outros grupos, dos adultos entre si etc. –, ao considerar a cidade – e a luta para nela se viver e brincar – enquanto espaço educativo.

Do mesmo modo, este movimento retorna à universidade, como prática extensionista real, ao propor a partilha de suas experiências e aprendizados durante a Semana Mundial do Brincar 2025, no espaço recém-aberto do LABRIMP, em que brincadeiras aprendidas com as crianças puderam ser ensinadas e brincadas por estudantes da graduação e pós-graduação, professores da rede pública e filhos de estudantes e funcionários.

Figura 5. Apresentação da pesquisa e brincadeiras no LABRIMP/FEUSP, durante a Semana Mundial do Brincar.



Fonte: Acervo lab_arte, 2025.

Encerramos reafirmando que pelo brincar se constrói conhecimentos, e ao abrir-se para sua ação criativa, a formação humanizada de educadores alcança seu devir, quiçá, um devir-criança (Nietzsche, 2018), uma aproximação do conhecimento acadêmico com os saberes das infâncias.

REFERÊNCIAS

- ABECIP. **São Paulo tem o 4º aluguel mais caro entre 12 cidades da América Latina, diz levantamento**. 03/10/2022. Disponível em: <https://www.abecip.org.br/imprensa/noticias/sao-paulo-tem-o-4-aluguel-mais-carro-entre-12-cidades-da-america-latina-diz-levantamento-folha-de-s-paulo> Acesso em 26 fev 2026.
- ALVES, Rubem. O preparo do educador. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.). **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 13-28.
- BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão: poesia quase toda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2023**. Divulgação de Resultados. Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2023/apres_censo_da_educacao_superior_2023.pdf Acesso em: 10 Jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES nº 608/2018**, aprovado em 3 de outubro de 2018 - Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. MEC: Brasília – DF, 2018. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=102_551-pces608-18&category_slug=novembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em 10 jun. 2025.
- CNN Brasil. **Entre capitais, São Paulo tem o aluguel mais caro do Brasil; veja ranking**. 14/01/25 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/financas/entre-capitais-sao-paulo-tem-o-aluguel-mais-carro-do-brasil-veja-ranking/> Acesso em 26 fev 2026.
- CONCEIÇÃO, Luciana. Brincalhoda - um convite à ocupação do corpo. In: PAIXÃO, Sabrina; ALMEIDA, Rogério de; CASTRO, Tamara; BRAGA, Pê. (orgs.). **Lab_Arte 20 anos**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2025. p. 226-258. Disponível em <https://doi.org/10.11606/9786587047843>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Tradução: Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora UNIFESP, 2020.
- ELLIS, Carolyn. **The Ethnographic I: A Methodological Novel About Autoethnography**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.
- EMICIDA. Ofereça Flores. In: VAZ, Sérgio. **Flores da Batalha**. São Paulo: Global, 2023. p. 11-14.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. Humanitas: a educação entre as estruturas de poder e a potência existencial. In: FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. **Antropolíticas da educação**. 3ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação, 2019. p. 16-28. Disponível em www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/318. Acesso em: 08 jun. 2025.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. 2ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação, 2020. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosusp/catalog/book/453. Acesso em: 05 jun. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Ed. 48. São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. Infâncias e relações étnico-raciais: a tensa luta pela garantia de direitos em tempos antidemocráticos. In: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. (orgs.). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 28.

- HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, n. 29, p. 73-89, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18497>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- MEIRELLES, Renata; ECKSCHMIDT, Sandra; SAURA, Soraia Chung. Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. In: Marin, Elizara Carolina; Gomes-da-Silva, Pierre Normando. (orgs.). **Jogos Tradicionais e Educação Física Escolar**, v. 16, n. 1. Curitiba: CRV, 2016. p. 63-78.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- QUEIROZ, Christina. Crise nos programas de licenciatura. **Pesquisa FAPESP**, n. 332, 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/crise-nos-programas-de-licenciatura/>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **Revista Brasileira De Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 1, p. 163-175, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000015>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- SILVA, Marco Antônio. **O arquétipo da sombra, a arte e a educação de crianças e adolescentes em áreas de vulnerabilidade: introdução a uma vida não violenta**. 2023. 329 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.48.2023.tde-26042023-122626>. Acesso em: 29 mai. 2025.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica: panorama dos concluintes em cursos de formação inicial de professores**. 2022. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/nota-formacao-professores-ensino-a-distancia>. Acesso em: 20 jun. 2025.

